

Missões Protestantes no Brasil do Século XIX: Um Olhar Plural Sobre o Conceito de Missão na Trajetória de James Cooley Fletcher¹

Tiago Régio GIACOMASSI²

RESUMO

Considerando a importância das missões protestantes norte-americanas para a introdução e consolidação do protestantismo no Brasil, objetiva-se, por meio do exemplo da introdução da denominação Presbiteriana no Brasil, mostrar a pluralidade em relação aos objetivos e as motivações da atuação missionária. Para tanto, recorre-se ao conceito de missão segundo Bosch, procurando imprimir, através dele um viés dialógico para uma noção mais profunda sobre o tema. Deste modo, afastados das concepções essencialistas e contextualistas, que viam o missionarismo como simples ato de benevolência ou de dominação econômica, observa-se que o empreendimento missionário é diverso desde sua formação, nos Despertamentos ingleses e norte-americanos, até a presença de missionários em território brasileiro como o Rev. James Cooley Fletcher. Isso permite concluir que a temática das missões protestantes é multifacetada, dado que as organizações independentes ou denominacionais em seus múltiplos vieses, autônomos e coloniais, estruturam, mas não definem os contornos da atuação missionária.

PALAVRAS-CHAVE: missão; Igreja Presbiteriana; James Cooley Fletcher.

1. Introdução

Um dos fatores que mais chamam a atenção no estudo da religião protestante é a presença de um número considerável de denominações, o que se traduz em várias igrejas e suas peculiaridades. No entanto, demonstrar a característica de cada uma não está nos objetivos do presente trabalho, sendo importante apenas ressaltar que estamos diante de uma religião da qual o pluralismo denominacional constitui uma de suas principais marcas.

¹ Trabalho apresentado na XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocon), realizada na Pontifícia Universidade Católica – Campinas, 17/8/2017.

² Mestrando em História da Universidade Federal do Paraná, e-mail: tiagogiacomassi@gmail.com

Assim sendo, devemos ao menos anunciar a existência de dois grandes ramos existentes no seio dessa religião. Embora esteja em desuso, costumava-se dividir a religião protestante entre: os históricos, que surgiram dentro do contexto da Reforma, juntamente com aqueles que nasceram em virtude dos avivamentos europeus (presbiterianos, episcopais, metodistas e anglicanos) e um segundo grupo que diz respeito aos pentecostais surgidos essencialmente no século XX.

Portanto, como pretendemos trabalhar a presença protestante no Brasil do século XIX, devemos ter em mente que estamos falando sobre as denominações entendidas como “históricas”, foram elas que a partir da segunda metade desse mesmo século consolidaram de vez a presença do protestantismo no Brasil.

Vale lembrar que já havia ocorrido uma tentativa anterior de trazer o protestantismo para o Brasil durante o século XVI com os huguenotes franceses, mas tal investida não obteve êxito. Foi através dos ingleses, em 1810, com a fundação da primeira Igreja Anglicana, e posteriormente por meio das participações alemãs e norte-americanas que se concretizou tal feito. Entretanto, foi desta última participação que vieram os grandes responsáveis por implementar o protestantismo em terras brasileiras. Notadamente via missões, a principal forma utilizada:

2. Um conceito plural de missão

Um dos cânones da missiologia³ Gustav Warneck (1906, p.3) afirmou: “Christian mission are as old as Christianity it self”⁴. Assim como ele, Bosch (2002) também entende o cristianismo como uma religião essencialmente missionária. Tal assertiva, pautada em argumentos calcados principalmente na história e na teologia, representam a interação dessas áreas do conhecimento nos estudos sobre as missões religiosas.

Para Bosch (2002), é preciso ter certo cuidado no que se refere à missão religiosa, afinal, estamos diante de algo com cerca de 20 séculos de existência nos quais

³ Ramo de estudo da teologia cristã comprometida com o cristianismo.

⁴ “A missão cristã é tão antiga quanto o próprio cristianismo” (tradução nossa).

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

ocorreram diversas mudanças no que diz respeito ao conceito de missão. Portanto, para adentrarmos a esta concepção, faz-se necessário atentarmos para uma dimensão histórica acerca do entendimento e uso do termo.

Até 1950 o conceito de missão, embora não se encerre nestas definições, estava atrelado tradicionalmente segundo Bosch, citando Thomas Ohm, as seguintes noções:

a) o envio de missionários a um território especificado; b) as atividades empreendidas por tais missionários; c) área geográfica em que os missionários atuavam; d) a agência que expedia os missionários; e) o mundo não-cristão ou “campo de missão”; ou f) o centro a partir do qual os missionários operavam no “campo de missão” (BOSCH, 2002, p.17).

No entanto, apesar desta ideia encontrar-se superada para entendermos as missões dos dias de hoje, podemos entender o termo como algo que pressupõe o envio de agentes até determinada região a fim de pregar o livro sagrado cristão em localidades distintas. Além do mais, o missionarismo que nos interessa faz alusão justamente a esse conceito citado, mas para responder acerca deste movimento precisamos elencar alguns elementos e processos históricos importantes para compreendê-lo, já que um dos principais fatores causadores de dúvida que acompanham aqueles que estudam a temática das missões religiosas diz respeito aos motivos pelos quais elas ocorreram.

Aqui, a referida interação entre argumentos teológicos e históricos muitas vezes entram em conflito como bem analisou Brepohl (2016). Isso porque, na maioria das vezes, para parte dos estudiosos religiosos a ação missionária seria mero exercício de amor ao próximo enquanto para alguns pesquisadores laicos ela estaria exclusivamente a serviço da dominação política e econômica.

A estes últimos motivos, muitas vezes se atrelam questões relacionadas ao imperialismo e colonialismo do período, mas esta composição encontra-se longe de ser suficiente para explicar o missionarismo oitocentista como um todo, ainda que em alguns casos tenha sido essa a sua tônica. Porém, reducionismos tem sido amplamente evitados pela historiografia, cada vez mais comprometida em romper com a polarização entre benevolência e exploração:

Creio que tanto as hipóteses essencialistas quanto as contextualistas precisam ser colocadas em cheque; afinal, não se escreve teologia fora do mundo, de uma determinada cultura, e nem se pode pensar o universo religioso sem que se leve em conta sua própria lógica interna e motivação primeva. Para compreender tal movimento em sua singularidade, creio ser necessário afastar-se de pelo menos duas premissas que aliás, não são mutuamente excludentes: ou bem que o missionarismo seja um atenuante da violência, substituída pela obediência cega, ou bem interpretado como ajuda humanitária (BREPOHL, 2016, p.173).

Ademais, outro fator que se deve considerar refere-se às diferentes localidades alcançadas⁵ pelas missões assim como os países dos quais elas partiram⁶, pois tratam-se de empreendimentos intercontinentais dos quais a cultura, as condições políticas e sociais dos locais tanto de partida quanto de chegada, acabam influenciando sobre o desenrolar da atividade missionária.

Em face disto, Ustorf (1998), embora mais preocupado quanto a atuação missionária no mundo não ocidental⁷, procura estabelecer alguns pontos centrais quanto a atividade religiosa em questão lançando como ferramenta a ideia de três caminhos que talvez possam ajudar no estudo das missões do século XIX:

A primeira dessas configurações motivacionais é a *emancipativa-integracionista (ex ocidente lux)*. Em compensação por séculos de conquista colonial e escravista, a parte não-ocidental da humanidade está agora convidada a aprender, se não gradualmente, como compartilhar as vantagens (entrar num espaço higienizado, social e espiritualmente) de uma civilização esclarecida. [...] *A atitude racista-imperialista* destaca a alteridade dos não-ocidentais em princípio. No entanto, o “outro” é uma construção ocidental. É uma projeção de valores ocidentais negativos para os não-ocidentais e sua função política é justificar seu controle, subjugando e eventualmente explorando [...] A terceira configuração motivacional talvez seja a mais complexa e está profundamente influenciada pela descolonização e pelo colapso do projeto Iluminista. Contém fortes elementos da

⁵ As missões foram largamente em direção às regiões tidas como periféricas como África, América do Sul e Ásia.

⁶ Países centrais europeus como Alemanha e França; Grã-Bretanha e Estados Unidos.

⁷ Leia-se África e Ásia.

auto-crítica ocidental [...] espera que o Não-Occidente salve o Occidente (ex oriente lux pro nobilis) (USTORF, 1998, p.594, tradução nossa).

A estas configurações cabem a crítica de que estão mais próximas de servir ao movimento missionário ocorrido na África e Ásia, já que dizem respeito aos povos considerados não ocidentais e dos territórios coloniais. Portanto, não se refere exatamente aos países da América Latina visto que a maioria dos Estados desta porção do continente, além de neste momento encontrarem-se independentes de suas antigas metrópoles, há muito tempo estavam inseridos na cultura do ocidente.

O Brasil, por exemplo, já antes do século XIX era reconhecidamente um país católico e em 1822 adquiriu sua independência da metrópole portuguesa, muito embora nem sempre fora visto como igual pelos missionários que por aqui estiveram, isto porque independentemente do local de atuação, as missões normalmente partiam segundo uma lógica de superioridade em relação ao outro.

A explicação que encontramos para isso, se deve principalmente ao fato de existir segundo Brepohl (2016) e Cavalcanti (2005) dois grandes modelos de missões no século XIX, as entendidas como coloniais e as não coloniais. Em suma, elas diferem no que toca a participação e suporte dos países em relação às missões e também dizem respeito ao colonialismo europeu do século XIX.

Diante disso, chamamos de colonial o modelo de missões cujo nascimento se deu em 1888 com a conferência de Berlim, compreendendo ao período cuja atuação ocorreu segundo restrições legais e auxílios econômicos da metrópole em relação à atividade missionária. Segundo Brepohl (2016, p.177) estes não foram os únicos freios impostos por esta condição, afinal, os missionários “não ficaram imunes à mentalidade colonial, com destaque para a influência das doutrinas racistas, o nacionalismo étnico e a introjeção da disciplina própria do trabalho capitalista”.

Não obstante, nas missões não coloniais destaca-se a autonomia advinda dos diversos “despertamentos” ocorridos na cultura protestante ao longo dos séculos XVIII e XIX, o que inspirou a criação de associações missionárias de diferentes denominações a levar a religião protestante para diversas localidades do mundo.

Dado o objetivo de nossa proposta, procuraremos nos aprofundar acerca desse último missionarismo apresentado devido à proximidade com as missões protestantes norte-americanas no Brasil do século XIX.

2.1 As filhas dos Despertamentos

Os séculos XVIII e XIX representam o apogeu do antropocentrismo protagonizado pela revolução científica, e isto, segundo alguns historiadores, teria sepultado de vez o papel da religião cristã como principal referência para a Sociedade Ocidental. De modo geral, ciência e religião acabaram se tornando antagônicos neste intervalo de tempo e as grandes novidades tecnológicas fizeram do mundo religioso algo menos interessante para a maioria das pessoas.

A este cenário desfavorável às ideias religiosas, mais precisamente ao cristianismo, imputa-se ao movimento Iluminista a tarefa de ter proporcionado a laicização da sociedade ocidental por meio da implementação do postulado da razão.

Isto posto, a forte herança laica advinda do século XVIII se fez presente no século XIX, este, além de representar o século das revoluções liberais é também o da consolidação do modelo capitalista burguês, cujos grandes exemplos remetem a Independência norte-americana (1776), Revolução Francesa (1789) e a Revolução Industrial Inglesa de 1848. Assim, como afirma o historiador inglês Eric Hobsbawm (2010, p.20) “[...] foi o triunfo não da ‘indústria’ como tal, mas da indústria capitalista; não da liberdade e da igualdade em geral, mas da sociedade burguesa liberal [...]”. Diante de tal quadro, nos parece improvável que um empreendimento como as missões protestantes surgissem em um momento como esse.

No entanto, a ocorrência de um fenômeno conhecido como “O Grande Despertar” foi capaz de gerar mudanças significativas na religião protestante. Tendo como berço os Estados Unidos, ele foi seguido de vários outros movimentos conhecidos como avivamentos⁸, gerando uma forte onda de comoção e sentimento religioso

⁸ A questão central dos Avivamentos diz respeito a conversão. De maneira quase simultânea na Inglaterra e Estados Unidos as conversões começaram a ser efetivadas em grandes escalas e de maneira fortemente

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

naqueles tocados pela sua experiência, a ponto de impulsionar parte da comunidade protestante a levar a palavra de deus pela graça alcançada:

Existia, entre os cristãos que tinham sido tocados pelo Despertar um enorme senso de gratidão por aquilo que haviam recebido e um desejo urgente de compartilhar com outros, em seu país e no exterior, as bênçãos tão grandiosamente derramadas sobre eles (BOSCH, 2002, p.348)

Bosch (2002) e Ustorf (2004, p.394) concordam em considerar as missões protestantes como resultantes do Iluminismo e dos Despertamentos ocorridos no século XVIII e XIX. Essa matriz comum se deve porque elas são entendidas como uma espécie de reação à consolidação do modelo laico e cientificista instaurado a partir da filosofia iluminista cartesiana: “O missionarismo protestante dos séculos XVIII e XIX foram a expressão de uma revolta social e espiritual de baixo, significando grande insatisfação com as principais linhas da cultura vigente e da igreja nela [...]”⁹.

Apesar disso, as missões modernas acabam nos colocando frente a uma aparente contradição, afinal, se elas representam uma reação ao modelo encabeçado pelo Iluminismo, foi no seio dessa sociedade emancipada pelas ideias iluministas que se formaram em diversas partes do mundo ocidental, principalmente na Europa e na América do Norte, as primeiras companhias missionárias independentes:

Embora os círculos missionários do Ocidente tenham reagido, em geral de maneira bastante negativa ao Iluminismo, não há dúvida de que esse movimento desencadeou entre os cristãos uma enorme quantidade de energia que foi parcialmente canalizada para os esforços missionários no ultramar. Mais do que as de qualquer outra época as pessoas cristãs desse período acreditavam que o futuro do

emocional. A experiência pessoal religiosa passou a ser a principal característica da religião protestante daquele momento. O fervor causado pelo encontro com Deus, teria sido um dos impulsos para a expansão e exportação da religião protestante pelo mundo. Segundo Bosch (2002, p.340) “As pessoas que haviam sido tocadas pelo Despertar não estavam mais dispostas a esperar de braços cruzados até que as igrejas oficiais tomassem a iniciativa”. Esta teria sido origem do nascimento das sociedades voltadas às missões no exterior.

⁹ Do original: “[...] the missionary Protestantism of the eighteenth and nineteenth centuries was the expression of a social and spiritual from below, signifying deep dissatisfaction with mainline culture and a church inculturated in it [...]”.

mundo e da causa de Deus dependia delas. Nesse sentido, a era iluminista representou um significativo distanciamento de dois outros processos – um cultural, o outro eclesiástico- que a precederam. Refiro-me ao Renascimento e à ortodoxia protestante, que estavam ambos orientados para o passado, não para o futuro. O iluminismo, em contraste estava decididamente voltado para o futuro e era otimista. Sob a influência dele, as igrejas tendiam a ver a Deus como um criador benevolente, aos seres humanos como intrinsecamente capazes de aperfeiçoamento moral e ao reino de Deus como a coroação da progressão contínua do cristianismo (BOSCH, 2002, p.403)

No início, estas composições foram majoritariamente tomadas por protestantes que não necessariamente exerciam grande protagonismo em suas igrejas. Mas por pessoas convertidas que começaram a exercer certo papel no debate público sobre democracia e emancipação. Estas, impulsionadas pelas contribuições iluministas acabaram engajando-se no sentido missionário para espalhar a palavra de Deus. Apesar disso, em face da heterogeneidade do movimento, diversos interesses se misturaram junto a nova noção de missão:

Essas novas associações estavam fora do controle das igrejas, e incluíam as sociedades de missão estrangeira. Nesse período de fermentação cultural, o Iluminismo, a abolição, o humanismo, o Cristianismo, o Pietismo, o comércio e a missão estrangeira foram se aproximando, e os conselhos das novas sociedades missionárias privadas muitas vezes refletiam essa mistura particular de interesses (USTORF, 2004, p. 396, tradução nossa).

Outro fator que merece ser destacado para entender as missões, sejam elas coloniais ou não, refere-se ao Destino Manifesto. Este sentimento existiu na maioria dos países europeus e na América do Norte, consistindo na certeza desses países em considerarem-se superiores aos demais, como se fossem dotados de uma missão divina para servir como exemplo aos outros povos do mundo.

Particularmente, essa noção foi muito difundida entre os países de língua inglesa e adquiriu raízes muito fortes nos Estados Unidos, que embora não tenha participado do colonialismo europeu na África, teve o “destino manifesto” como traço forte de sua política externa. Não obstante, esta ideologia possui também uma relação muito próxima com as missões protestantes norte-americanas da época, como vemos a seguir:

Ao fazer uma retrospectiva de todo fenômeno do “destino manifesto” e da missão, nos Estados Unidos e em outros lugares, é preciso acautelar-se contra decisões fáceis. Tanto as pessoas que insistem (como alguns apologistas da missão ainda fazem) que a motivação missionária era puramente religiosa quanto aquelas que, pelas mais diferentes razões, sustentam que a missão constitui unicamente uma questão de identidade ou expansionismo nacional não percebem que, muitíssimas vezes, os impulsos religiosos e os nacionais eram, basicamente, inseparáveis (HUTCHISON, 1987 apud BOSCH, 2002, p.366).

Como vimos anteriormente, acaba sendo difícil de pontuar exatamente quanto aos motivos e interesses por trás das missões religiosas, cada vez mais observamos ser este um campo aberto a interpretações das quais só conseguimos entender se levadas em conta sob uma noção de pluralidade. Ademais, no aproximar da década de 1850, as igrejas protestantes de algumas denominações começaram a participar ativamente do empreendimento missionário, montando suas próprias companhias de missão.

Diante disso, dado o passo de montar juntas missionárias por parte das Igrejas, criou-se a oportunidade para a consolidação do protestantismo em países como o Brasil. Dentre as denominações protestantes motivadas a fixarem-se no país encontra-se a Presbiteriana, mas para tratar acerca deste assunto guardamos o item a seguir.

3. O missionário homem de negócios

A Igreja Presbiteriana chegou ao Brasil em 1859 com o missionário Ashbel Green Simonton. Este, nascido em West Hannover na Pensilvânia (EUA), fundou em 1862 a primeira igreja presbiteriana no Rio de Janeiro. No entanto, Simonton não foi o primeiro presbiteriano a chegar no Brasil, antes dele, muitos missionários de juntas independentes fizeram suas missões pelo país. Afinal, como vimos anteriormente, as igrejas chegaram ao objetivo missionário um pouco depois das missões pioneiras e os reflexos disso também fazem parte da história do protestantismo no Brasil.

Apesar de terem primeiramente se fixado na então capital do Império brasileiro a atuação presbiteriana acaba tendo mais destaque no interior paulista, perto de Campinas, onde desenvolveram escolas e pregaram o presbiterianismo como vemos a seguir:

Os missionários presbiterianos, depois de terem organizado a missão religiosa no Rio de Janeiro, voltaram sua atenção para São Paulo. Em 6 de abril de 1863, o reverendo Alexander Blackford (cunhado de Simonton), lançou uma missão, tanto na capital da província como no interior paulista, na Vila de Brotas e em Limeira, Rio Claro e Campinas. Nessa época já contava com o auxílio de vários missionários, inclusive de um ex-padre da Igreja Católica, José da Conceição [...] Pregando nas vilas e povoados, a mensagem presbiteriana atingiu os donos das pequenas propriedades rurais distantes. Nesses lugares retirados, considerados verdadeiros sertões, os presbiterianos constituíram escolas dominicais ou paroquiais e pequenos templos (CLARK, 2005, p.10).

Tratando-se de um movimento mundial, Robert Woodbery (2012) em artigo referente às raízes missionárias da democracia liberal, elenca que foi prática comum em grande parte dos países dos quais os protestantes empreenderam missões, a construção e criação de escolas religiosas, o que segundo ele, marca como um dos traços da contribuição protestante para expansão da democracia.

No Brasil, as escolas religiosas atraíram as elites, dado que muitos viam com bons olhos a possibilidade de seus filhos estudarem no modelo educacional de uma “nação do progresso”, como eram conhecidos os protestantes na época. De qualquer forma, outro modo de atuar das Igrejas foi por meio das mídias impressas, motivo pelo qual mais uma vez Woodbery (2012) exalta a capacidade do protestantismo em espalhar o espírito democrático pelas nações.

Simonton e seu cunhado Blackford fundaram o jornal A Imprensa Evangélica, que durou de 1864 a 1889. Para Cavalcanti (2011) os jornais presbiterianos procuraram exaltar o sucesso do capitalismo norte-americano, o que possivelmente explique o relativo sucesso da denominação entre as elites locais.

No entanto, notamos que ao nos debruçar sobre o modo de atuação dos missionários não vinculados a missão oficial da Igreja Presbiteriana para o Brasil, observamos algumas diferenças quanto aos seus modos de atuação.

A exemplo disso, citamos o caso do Rev. James Cooley Fletcher que teve sua primeira missão pelo Brasil em 1851 através da companhia American Foreign Christian

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

Union (AFCU). A atuação de Fletcher teria destoado em relação a dos demais missionários presbiterianos, pois este chegou a fazer parte do corpo diplomático norte-americano no Brasil, foi considerado um grande agenciador de negócios entre as nações e acabou fazendo parte inclusive do círculo de amigos do Imperador dom Pedro II.

James C. Fletcher foi também reconhecido por ser autor do maior sucesso editorial de um livro escrito sobre o Brasil na época com a obra: Brasil e os brasileiros um esboço histórico e descritivo de 1857. Obra esta que nos serve de apoio para saber de sua trajetória.

A essa postura voltada aos negócios, teria sido entendida como causa de mal-estar entre Fletcher e outros missionários. Supostamente por acharem que ele estaria colocando os negócios comerciais a frente da tarefa de conversão dos brasileiros ao protestantismo:

Reciprocamente, a posterior rejeição dos métodos comerciais e políticos de Fletcher, pelos seus colegas congregacionais, episcopais e presbiterianos, que não tinham a visão e nem a compreensão da sociedade brasileira que o ex- capelão dos marítimos parecia possuir, podia também de certo modo, ser comparada às disputas da Ordem Franciscana com a Sociedade de Jesus sobre o campo missionário japonês (VIEIRA, 1980, p.66).

Não obstante, Fletcher parece deixar um tanto quanto evidente suas inclinações de tino comercial quando declara, em seu já referido livro, parte de seus objetivos missionários:

Era meu ardente desejo, primeiro – ver esses sete milhões de homens tolerantes possuindo uma profunda moralidade e uma verdadeira religião. Outro desejo meu seria ver homens de ciência estudiosos do Brasil ligados aos espíritos irmãos da nossa vigorosa terra; e contemplar bons compêndios nas mãos das crianças brasileiras, e ver as nossas fábricas, tendo mostruários neste país, seu tão grande consumidor. Em 1854, em virtude de enfermidade em pessoa de minha família, fui obrigado a deixar subitamente o meu campo de atividade para ir aos Estados Unidos. Aí, passados alguns meses, compreendi que estava obrigado a abandonar a terra da minha adoção. [...] Foi para mim, entretanto, necessário voltar ao Brasil, a fim de ultimar os meus negócios. (KIDDER, FLETCHER, 1941, v. 1, p.278).

Fletcher parece ter a concepção de que o comércio e a missão evangelizadora são elementos colaborativos, um não elimina o outro. Ainda com relação aos negócios, o missionário chegou a organizar uma exposição de produtos norte-americanos para o imperador Dom Pedro II. Depois de uma de suas voltas à sua terra natal, propôs a alguns produtores, artistas e comerciantes norte-americanos o envio de suas mercadorias para a apreciação do Imperador. Na oportunidade, o presbiteriano até ficou um pouco desapontado com a modesta participação do público norte-americano, mas conseguiu realizar sua tarefa:

Embora tenha eu o prazer de declarar que houve alguns homens influentes, que emprestaram a responsabilidade de seus nomes ao projeto. Afinal, certo número de artistas, editores, comerciantes e fabricantes foram induzidos a enviar exemplares de livros, estampas, esculturas e objetos manufaturados, mas tudo isso foi pouco em comparação com a nossa contribuição para o próprio benefício futuro dos doadores (KIDDER, FLETCHER, 1941, v.1, p.279).

Durante exposição para o Imperador é possível notar através dos relatos de Fletcher a sua admiração pelo monarca. O missionário faz referência a intelectualidade de Pedro II, uma de suas grandes marcas, reconhecida pela historiografia brasileira:

S. Majestade começou a examinar com grande interesse todas as coisas, minuciosamente. Fez várias perguntas, manifestando o mais íntimo conhecimento do progresso do nosso país. Encheu-se de admiração pelos exemplares de livros, gravuras em aço, e cromolitografias de Filadélfia, bem como pelos maquinismos agrícolas. De vez em quando, ouvíamos chamar um dos nobres ou camareiros que o acompanhavam para admirar esse ou aquele objeto úteis ou artísticos expostos. Não era, porém, descuidoso em seu louvor, mas, pelo contrário, perfeitamente franco em suas críticas (KIDDER, FLETCHER, 1941, v.1, p. 280, 281)

Diante disso, em face da trajetória singular de James C. Fletcher, encontramos em Cavalcanti (2005), que ao analisar o papel de dois missionários protestantes no Brasil do século XX, acredita que na atuação missionária existem diversos outros aspectos e modos de atuação que extrapolam as concepções estruturais da prática

religiosa. Para ele, o missionário não é mero burocrata que apenas reproduz o que lhe é esperado, mas um agente capaz de imprimir a seu modo outras noções e significados para a sua atuação.

4. Conclusão

Ao pensar sobre a temática das missões protestantes norte-americanas no Brasil do século XIX, é possível entender que são necessários diversos cuidados no que toca a atuação missionária deste período. Primeiramente, porque o conceito de missão deve ser colocado sobre recortes específicos de tempo e espaço, já que em mais de 20 séculos de existência da religião cristã, o conceito sofreu diversas mudanças ao longo do tempo.

Segundo Bosch (2002), é a sua definição anterior aos anos 50 do século XX que se referem às missões modernas, das quais dedicamos este trabalho. Em outras palavras, podemos entender que o conceito de missão está atrelado ao envio de pessoas a localidades distintas para levar a palavra de Deus. Dito isso, para se aprofundar sobre a temática deve-se levar em conta os motivos pelos quais as missões ocorreram.

Diante deste problema, nos vemos ainda muito presos à dicotomia de entendê-las como ato de benevolência, segundo ensina a teologia cristã ou da dominação econômica e política do colonialismo e imperialismo da época. Apesar disso, alguns historiadores têm apontado para uma outra resolução que rompe com a referida polarização, procurando promover uma visão que invista no intercruzamento de motivações para explicar o fenômeno missionário. Levando, inclusive, as motivações teológicas e econômicas, de modo que não são excludentes entre si.

Não obstante, fizemos uma recapitulação a respeito dos modelos existentes do empreendimento missionário, dos quais deixaram claras as influências dos Despertamentos como elemento importantíssimo para explicar as missões protestantes do século XIX. Mostrando que a experiência religiosa pessoal foi fator determinante para a criação de juntas missionárias independentes que se lançaram pelo mundo a fim de pregar a palavra de Deus.

Finalmente, em virtude da vasta área de atuação do empreendimento missionário, vimos, através das missões presbiterianas norte-americanas no Brasil do século XIX, diferentes modos e abordagens no que toca a atuação missionária. Lançando, como exemplo, a trajetória do Rev. James Cooley Fletcher, que, além de missionário foi também um agente de negócios entre Brasil e Estados Unidos, colaborando assim para uma noção plural do que representam as missões protestantes do século XIX.

REFERÊNCIAS

BOSCH, David J. **Missão Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BREPOHL, Marion. Presença protestante na África; ressonâncias da Segunda Reforma. **Estudo de Religião**, v. 30, n.2, p.-171-194, mai-ago. 2016.

CAVALCANTI, H.B. O Projeto Missionário Protestante no Brasil do século 19: Comparando a experiência presbiteriana e Batista. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 4, p.61-93, 2011.

CAVALCANTI, H.B. Human Agency in Mission Work: Missionary Styles and Their Political Consequences. **Sociology of Religion**, Oxford University Press, Vol.66 No. 4, p. 381-398.

CLARK, Jorge Uilson. Presbiterianismo do Sul em Campinas: primórdio da educação liberal. 2005. 178. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação, Campinas 28 de fevereiro de 2005.

HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções, 1789-1848**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

KIDDER, Daniel Parish e FLETCHER, James Cooley. **O Brasil e os Brasileiros: Esboço histórico e descritivo**. Coleção Brasileira. v.1. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941.

USTORF, Werner. Global Topographies: The Spiritual, the Social and the Geographical in the Missionary Movement from the West. **Social Policy & Administration**, Maldem, MA, Vol. 32, No.5, p.591-604, December 1998.

USTORF, Werner. Protestantism and Missions. In: MCGRATH, Alister E.; MARKS, Darren C. (Ed.). **The Blackwell companion to protestantism**. John Wiley & Sons, p. 392-402, 2004.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, A Maçonaria e A Questão Religiosa no Brasil**. 2 ed. Brasília: UnB, 1980.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 17/8/2017

WARNECK, Gustav. **Out line of a history of Protestant missions from the Reformation to the present time**. 3 ed. New York: Fleming H. Revell Company, 1906.

WOODBERRY, Robert D. The Missionary Roots of Liberal Democracy. **American Political Science Review**, Vol. 106, No.2, May, 2012.